

Requiem – que os morituros vos saúdem

João Pereira de Matos

do
bra

Nove meses para nascer, noventa anos para morrer. Atingiu a substância das coisas pelo filtro do tempo que, pela grã idade, as embaça como vidro puído de uso, mácula opaca naquela superfície que, outrora, na transparência nova, não lograva inibir a penetrante visão. Assim é: quando se gasta o corpo, turva-se a mente.

Depois do sono nimbado de sonho acordou no quarto líquido do hospital. Razão terminal que é destino quando o corpo falha e a máquina substitui, um a um, o órgão devastado. Névoa interna opalina nessa manhã de Sol – «onde estou?» – e só a custo se distinguem os contornos clínicos, na assepsia libertadora, sem deixar de oprimir, que a medicina impôs. Para que se morra limpo. Lavados de germes mas exaustos de morte.

Em boa verdade, sobrepõem-se a multiplicidade de quartos habitados na vida, intermutáveis os azimutes do reconhecimento instantâneo, proprioceptivos, que o despertar congrega no esforço da consciência ao regressar à vigília. Talvez lhe assista o juízo, o supremo dom da rememoração sincrética: bailam as formas, coalescendo, aqui e ali, naquela nitidez suprema de serem símbolo de quanto foi e perdeu. Mas não para sempre porque, pelo sortilégio da memória, poderão rebrilhar uma derradeira e fulgurante vez com o antigo lustre de outrora. Nesse acontecer da consciência, a recuperação mórfica congrega todo um mundo, tão rico e pleno como portador de todos os sons e cheiros e demais sentidos e também das associações emocionais, expectativas e remorsos, e preocupações com aqueles a quem quis bem e ainda quer chegando-se ao rigor daquelas subtis exasperações com eles ou até de grandes ódios, se ódios houver, ou tão só incómodo que o ofício de estar vivo é de delicado cariz e anda tudo ao mesmo embora muitos o não saibam.

Quisera a antiga flexão, ágil, mas é a leveza no espírito o que mais perturba. A memória flui então como rio profundo. Insubmisso caudal porque cessa de estar sob o nosso comando e, muitas vezes, não sabemos quem somos. Asfixiante, também, porque se deixa de cingir ao presente e somos levados pela correnteza

interna às vivências de um tempo que já não é e agora coalescem tão reais, quase sólidas por alucinatória urgência, não fora a irrupção da lucidez que, a espaços, as insubstancia.

Sentir na polpa dos dedos a fantasia dessas vivências e perdê-las é acordar de um sonho vívido, retendo, ainda que por momentos, a nostalgia dele com a diferença abissal de se saber que isso tudo foi real mas agora perdeu-se pois nenhuma ventura retorna a não ser na escala absurda de uma roda cósmica, na ilusão de velho do eterno retorno.

Agora que o tempo passou – a memória é agilíssima, condensa o todo da biografia no singular instante – resta o lamento da indizível melancolia de quem já nada espera da vida a não ser, claro está, num sereno e talvez ditoso adentrar no que, sendo derradeiro, é sem luz e sem sombra. Só amenizado pela benéfica degenerescência que impõe o delírio de reviver o fluxo da temporalidade de uma juventude perdida.

A luz que tanto ilumina – ou, dizendo melhor, que tanto iluminou – parece fenecer só para irromper num arroubo demensiado, espasmódico, não tempestivo e brutal e isso que parece tão certo, o verdor esperançoso de antigamente é, na verdade, irreal e oco.

Já pensastes como aquilo que acontece tem uma facticidade toda sua, venal e crua nudez do acontecer a que chamamos realidade? Pois, envelhecer é isso também. Apodrecer devagarinho. Acontece. E, a cada dia, mais se notam os sinais do desgaste, uma alienação interna – é certo – mas que parece vir, ladina e cega, de fora. Exterioridade tenaz, malevolente, que subtrai fulgor enquanto ajunta sofrimento. Decadência é essa, ainda, no tudo o que deixais ou que vos deixou, aqueles tão próximos não sobreviveram, os outros, novos actores desta comédia ridícula que vos não conhecem e que, por sua vez e a seu momento, serão deixados, exangues e tristes pela leva nova de uma multidão ainda outra, enquanto mundo houver e humanidade durar, estrangulada de tempo, explodindo de indiferença pelo egoísmo da força de quem vive pela primeira vez. É, por isso, comum pensar-se que já era velho o mundo quando chegámos. Que foi tarde quando nascemos. E, no entanto, quando o ocaso se aproxima com a lentidão vertiginosa da noite funda da morte, ressentimo-nos, velhos, despertados para o que se perdeu, da eterna procissão do novo, renovação perene de modos e acontecimentos e personagens frescos desse drama universal ou

corriqueiro que vimos muitas vezes renascer mas, agora, pondo-nos de parte, espectadores inertes pré-enlutecidos de nosso próprio e breve decesso. Portanto, nem os jovens ouvem os velhos. Como poderiam? Exemplos sobrevividos de como essas criaturas plenas se verão decair. Nem os velhos podem amar os novos, que são, então, derradeiramente outros. Como aceitar, no furor da força e estrépito, aqueles para quem dar uns poucos passos é desafio? Para esses de pouca idade, emersos em frescura é virtude lhana serem cegos de tanta luz. Custa, todavia, aceitar que a nossa vez é exaurida e que nesse imenso sentido toda a oportunidade foi perdida ainda que nos tenham mil vezes entronizado em quantos reinos da terra. Mas, o que dói, na infinita melancolia do entardecer, é que não mais terá um sorriso numa tarde de Sol, resplandecentes, o sorriso e a luz «Júlia, onde estás, agora? Não sei de ti, se morreste ou se vives, sobrevivente como eu e, na verdade, nunca mais soube, desde esse dia em que te deixei ir, sem saber sequer se querias que eu quisesse que ficasses. Quando te conheci, num breve instante de intersecção das nossas vidas, eras a personificação da frescura primaveril. Quanta amargura te chegou depois? Talvez alguns sonhos despedaçados. Nem sei, se tivesse tentado, se não seria eu a fazer-te beber dessa amargura, se não seria eu a despedaçar-te os sonhos. Ficou aquela nossa tarde amena e antiga, eterna já não por muito tempo que se me acaba a vida e mais não posso durar. Magoou-me o teu rosto tão belo. Essa beleza intoxica. Odeio-me de tantas coisas que te queria dizer e fui reduzido à inanidade. A mais simples conexão foi impossível: não por tudo o que há mas pelo ínfimo do que deveria haver. Um leve aflorar é tanto. E conjugam-se as coisas de ruído. E a vida seguiu como se nada fosse. No entanto, avolumou-se a tristeza convulsiva da paixão funesta. E tu de nada soubeste. Pudera, ao menos, perguntar-te se não sentiste desapontamento, ainda que ligeiro, pela minha timidez, uma reserva com gosto de fel. O que é inerte nunca poderá ser despertado, o que foi futuro é já malogro. Sim, a magnífica irradiação é a pior das maleitas e o excesso destrói o que de singelo teima em ser no delírio dele. Explica-se: há um vício-estético e no seu idear de perfeição entra-se em violento confronto; primeiro, intrapsíquico; depois, o mundo é tão prosaico que reage, amesquinhando; como que a mostrar o ridículo do que lhe não pertence; por fim, talvez, haja a tendência objetificante que, sendo cega de tanto ver, é obstáculo enormíssimo; como suportar a perfeição e não estar já ante a pessoa? É assim, a atenção desmedida à conjugação da forma (tomai os teus

olhos que trespassam, que são poço de tanto imaginar e sentido quando me sei transparente porque me não podem olhar na densidade com que os sonho) que, sobretudo, enebria na sua aparição dinâmica da deflagração da luz nas linhas pulsantes do teu movimento, ou numa imperfeição que o não é pois só ajunta fascínio, faz esquecer a própria pessoa admirada que é vulgar também como toda essa gente que povoa a urbe e desse modo sofre o que tem a sofrer e quer e falha e erra e é vítima de tantos enganar e frustrações e é um saco de vísceras e carne anelante, real na densidade de matéria por muito que se lhe não ouse tocar. Mas, desses lábios não falo porque as palavras são brutas (tudo o que tenho são palavras) e é desleal usá-las para essa descrição impossível. Nem o modo se adequa: a veneração é coisa estúpida. O que querias? O arrebatamento perverte tudo. Não te conseguiria dizer com frescura o mil vezes dito sem sobrevir o asco do lugar-comum. Talvez num texto generativo-infinito pudesse dizer-te. Tal intensidade, todavia, assusta e mais e mais afasta. Melhor seria fazer-te sorrir, tentar ofertar-te leveza, despreocupação e confiança. Um muito pouco, humilde e reverente, seria mais generoso e são. Guardando todo este excesso, aceitar com toda a naturalidade a febre estética da tua presença e mesmo de longe ficar singelamente feliz por compartilhar essa proximidade equidistante. Para que ninguém se magoe. E se a vida seguir como se nada fosse que nem isso importe. O que mais há é o fado e todas as drogas são só um agente catalisador e assim é com a beleza: tudo se passa no espírito de quem padece ou está eufórico, é essa vivência interna que nos faz viver. E a tua beleza seria uma perdição doida, compulsiva, da qual, provavelmente, só resultaria a ruína. Dasassossegocego. Só na solipsista intimidade se pode ser tudo. É bem que assim seja. Um espaço de liberdade, pessoal e intransmissível como se costuma dizer, onde até o discurso possa sofrer o entorse de ser espúrio.

Magoa-me o teu rosto tão belo. Essa beleza intoxica. Sofrerei menos dentro de algum tempo pois vou partir e poderá uma criatura celeste, se as houver, guardar a memória do que nunca poderia ter sido, até imaginar as conversas ou os silêncios ou outra coisa qualquer que fora contigo pois se irradiavas, igualmente, sensibilidade e inteligência terias sido, ainda, interlocutora do que é inefável. Menos ferido, mais em paz, onde só permaneça o belo sem lâmina, sereno porque de aparição e tempestade te fiz fantasmagoria.

E a vida seguiu como se nada fosse.

Eu não fui da vida.

Ah, mas pudera ser um deus... Eternamente imutável, invulnerável à devastação do tempo e assim, de sobremaneira, ditoso.

A princípio as tardes de Verão pareciam-lhe eternas. E foi lentíssima a ténue aceleração do tempo, nimbada pelo excesso de possibilidade da primeira juventude. Pois essa gloriosa energia, que agora inveja, comprimia-se, pela inépcia da inexperiência, na vivência carnal de um tédio de impaciência: quando a maturidade? A serenidade venal e da mente, desse vislumbre de apogeu que, adivinhava já, talvez não seria nunca? Pois a descoberta das coisas não foi sem terror e tentou ver-se pleno no decorrer quotidiano, busca de sã rotina, apenas para descobrir, como acordando de um sonho, que havia decorrido tempo e, já pesado de biografia, sentiu-o fluido. Torrencial, era fonte que não podia estancar: envelhecia. Mas nem essa consciência foi instantânea ou lúcida. Outrossim de cariz quase policial pela detecção de indícios da torpe erosão do tempo. Incipiente cansaço, uma ressaca mais persistente, alguma hipocondria. Os dentes, que apodreciam. Em resumo, insidiosa superstição de aviso quando a vida ainda é sem entraves. Contudo, como sabeis, a dinâmica é tal que ninguém escapa ao fluxo da erosão que vai chegando ao ritmo de cada segundo que passa.

Quando se é inteiro de passado é tempo de usar a visão pregressa e mesmo que este nosso morituro herói, porque justamente se esvai, já o não logre fazer, fá-lo-emos nós por ele que é para isso que aqui estamos, atentos e discretos, com a devida compunção por quem perece. Ou talvez nossa voz seja a dele se ele ainda a pudesse usar. Assim, no deve e haver da vida, o que fica? Não falamos dos grandes acontecimentos que este nunca foi grande nem nunca o quis ser. Esta contabilidade é daquela incontável miríada de quem tentou ter os olhos abertos, de quem acumulou um sem-número de memória privada, de quem exerceu livre juízo sobre o que ouviu, e viu, e leu, e foi mais do que, à primeira vista ou a olho nu, como também se costuma dizer, a pacatez e quase renúncia faria suspeitar o incauto que, de rompante, o inquirisse «és culto?», ao que lhe responderia «não sei; aliás, o que é a cultura? é aquela que se diz ser clássica, ou quereis contar também, com esta toda nova que por muito que vá beber no passado, fonte inactual que tudo irriga, é de ar fresco, na caleidoscópica variação, renovando-se neste nosso mundo também líquido, metáfora, afinal tão antiga como apta para muitas coisas e, por igual, nesta?» Não temos dúvida que

perante isto, o impertinente questionador assobiasse para o lado e saísse. Quem diria? É um pouco filósofo, o nosso amigo, é pena que se vá.

E vai a olhos vistos. Não fora a máquina que com ténue fio o prende aqui, deste lado conhecido do tempo. Mas nem a máquina dura sempre nem ninguém o quer. E, para relatar o que é agora quando o espírito daquele que vai adentrou já no limbo difuso do resíduo vegetativo de quem só se agarra à vida com a ajuda que já conhecemos e o mantém nesse suspenso, é momento de se ir mais fundo, no cerne mesmo da alma, se assim quiserdes, deste que, não o esqueçamos, está a ir. E, surpreendente ou talvez não, em vez do lago plácido de quem espera, atingimos um vórtice vertiginoso onde se congrega uma amálgama instantânea de tudo o que foi, num momento enormíssimo de síntese que, em linguagem comum e discursiva, se vai declinar numa imagem de luz em que tudo se confunde e, todavia, é discernível. Sim, vêem-se os pais, ainda jovens, petrificados num instantâneo de infância, os irmãos e as tias velhas, já doutro século e estão todos à mesa, mortos para os demais menos para ele, que os recorda com a nitidez confusa e cristalina do estertor. E os dias de praia, as viagens de família, atribuladas por certo que essa tribo era, afinal, multidão, e depois quando cada um, saiu da vida, deixando-o um pouco mais só. E, depois, o primeiro amor e o primeiro sofrimento de amor, e depois os companheiros de escola, e depois os colegas de trabalho, e depois o segundo amor, e depois os filhos e depois os netos, e depois quando todos os amores morreram e quando todos os amores morreram em si, e depois quando os filhos morreram e depois os netos e se acabou a sua estirpe que é a maldição de todos os verdadeiros sobreviventes, e depois quando se instalou na condição póstuma de si próprio. E aqueles momentos de luz, variados, a luz de certo entardecer quando, adolescente, contemplava a vida que iria ter, cheio de esperança e suspeitando que tanta melancolia o iria perder, a luz de festa da iluminação artificial que era como um Sol triste mas era a festa e a ninguém se permitia a tristeza, a luz de velar os que partiram, a luz de um certo amanhecer da meia idade, quando a amargura se entrecruzava com um resto de esperança do que estaria por vir, mas já um cansaço que foi aumentando, já a luz difusa do entardecer seu, e a pergunta insistente «o que ando aqui a fazer? Será só para sofrer? Já sofri tanto, o que mais será de mim? Às vezes sofro tanto que parece que rebento, para além das lágrimas ou da revolta, apenas um trauma profundíssimo que me rasga, que me pesa para lá de todas as forças, será que o

tempo o curará como tudo cura ainda que seja esse tempo longo que matará os que estão vivos e a memória deles e a minha, neles, e do que foram e a memória dos vindouros sobre mim e sobre eles até que não fique nada, nem sequer esses desmemoriados vindouros?» E depois, ainda, a manhã recente, de luz escura, quando o corpo falhou e o trouxeram para aqui, para esta cama de hospital na condição terminal de se saber que não se levantará dela nunca. E, isto leva a pensar em todas as camas de todos os quartos, e em todas as casas e prédios desses quartos e todas as ruas onde estavam essas casas, e todos os cafés e cinemas, e praças e largos e sons e buzinas e multidões de rostos e corpos, uns belos de belas mulheres desconhecidas, e outros, não belos e até repugnantes mas nem por isso menos memoráveis neste derradeiro resumo de tudo. E o turbilhão continua, cada vez mais rápido e concentrado, total. As pequenas coisas, ah, tão pequenas. Obsessões e pensamentos parasitários, absurdos e loucos que, há décadas, ficaram submersos nas torrentes da vida e que agora retornam com a força obsidiante da sua insignificância. E os sonhos que nunca foram lembrados, na vigília invisíveis, mas que agora são só nitidez.

Do outro lado da vida, no mundo externo, a um universo de distância, intransponível pois ele jamais acordará, tomaram a inevitável decisão de desligar as máquinas e deixá-lo fluir docemente para a morte caridosa. É, então, quando o interruptor o desliga, que a vertigem compósita deste momento dilatado de síntese iluminada pelo fulgor de uma rememoração automática, um limbo de vida assistida, se precipita num turbilhão ainda mais fundo e intenso, expansivo para lá de qualquer descrição discursiva, porque palavras não há para a imensidão a um tempo íntima e extática, cuja plenitude e tamanho alcançam um cosmo, o sublime da fronteira imensa que consome e se aproxima, que não tem duração mensurável, nem contornos ou limites mas é a vastidão sem cor, nem sensação, nem ego, nem tempo, nem vontade, nem substância, nem possibilidades, nem sequer a mínima possibilidade de sentido pois a morte é o que não permite, nem sensação, nem ego, nem sentido, nem entendimento daquilo que nega. E, é então que a fulguração é máxima – enquanto, no mundo, lhe determinam o óbito, lhe cobrem o rosto com o lençol, e, com um suspiro ausente se perguntam «quem foi este que vai?» e lamentam a mortalidade dele que é a de todos – um resplandecer que cegaria se fossem os olhos a vê-lo, a serenidade é absoluta enquanto esse inconcebível universo terminal rebrilha e ele dentro dele pois esse espaço sem lugar é ele, e esse tempo sem hora é ele,

esse concentrado plástico do que foi é ele, que se vê nessa imagem única que o sintetiza, vindica e justifica, e então percebe, sem pensar, uma essência absoluta que nunca julgaria ser possível entender excepto agora, quando tudo é tão vasto e luminoso, tão nítido e belo, tão terminal e pleno, o medo, o medo finalmente abandonou-o, e com ele o remorso e a esperança, a culpa e a fúria da injustiça, conceitos, conceitos que não servem, que não servem já e nunca serviram, afinal a vida é viagem em direcção a este instante singular e transcendente porque está além de toda a corporalidade das coisas, de todo o pensamento delas ou de todo o pensamento que seja, apenas a plenitude de ser, do maravilhamento súbito de ser, sem qualquer condição e forma, sem discurso e sem palavra, sem raciocínio ou emoção, e, por isso, pode alcançar tudo, o lugar mais distante, a paz universal de todos os mundos, poderia mesmo criá-los, se quisesse e ser um Deus bondoso, mas já não quer, porque, até isso seria mesquinho, irrevogável, e só quando se atinge esse absoluto inefável se recai no nada como inevitável apogeu de ser, num suspiro imaterial que se dissipa e é consequência directa e feliz de tanto esplendor.